



Declaração Política

Novas Políticas e um Novo Governo

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Estamos a completar quase dois anos da actual legislatura. Uma legislatura marcada por um crise económica de grande dimensão e pela decadência política de um Governo que deixou de ser novo para passar a ser velho. De um Governo moribundo, paralisado pela inércia e pela incapacidade atávica que o caracteriza.

Este Governo teve, ainda antes de 2008, a possibilidade de inverter o rumo da História e de socorrer a tempo um tecido produtivo que começava a ser pasto das chamas de uma crise económica já então mais que visível. Podia ter sido o bombeiro diligente, vocacionado para apagar os incêndios antes da destruição final. Mas não. O estilo deste Governo é mais parecido com o do bombeiro que só chega para o rescaldo. E foi isso que sucedeu.



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

O Governo socialista tinha uma frase de publicidade partidária que nunca teve a coragem de problematizar: “A crise chegou mais tarde aos Açores e partirá mais cedo”. Dita assim, esta frase parece o resultado do trabalho conjunto de um dueto improvável: do Vice-Presidente, Sérgio Ávila, alquimista criativo e incorrigível optimista em proveito próprio e do Bandarra, discutível profeta do futuro.

A verdade é que o Governo socialista se limitou a seguir a rota eleitoral de 2008, razão pela qual ignorou os sinais evidentes da crise e proclamou a teoria de um oásis improvável.

As consequências são as que se conhecem. Quando finalmente tentou reagir, já a crise económica tinha colocado o nosso tecido produtivo de joelhos. Agora sucede o que a lógica implacável predestina: antes de poder voltar a correr, a nossa economia precisa de voltar a ficar de pé.

O resultado de tudo isto é exactamente o oposto da consigna vitoriosa do Governo socialista: a crise chegou, viu e venceu quem não a quis ver chegar e, sobretudo, quem não a quis ou não conseguiu vencer.



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Nestas circunstâncias económicas o que podemos verdadeiramente fazer? O que pode uma economia tão dependente como a nossa fazer? Dependente em tão larga escala do exterior – que representa mais de 50% das nossas receitas – que futuro, que íngreme caminho podemos trilhar?

Os sectores tradicionais como a agricultura e as pescas estão atascados por anos de completa inércia. Nestas áreas o Governo foi incapaz de inovar e de diversificar. Limitou-se a deixar morrer, por velhice, a galinha dos ovos de ouro. É necessário dar um novo e decisivo impulso a estes sectores. Modernizar práticas. Mexer na cadeia de distribuição. Matar os arautos da desigualdade e da exploração do homem pelo homem que controlam a cadeia e os processos de distribuição dos produtos oriundos deste sector: falo, evidentemente, dos intermediários que este Governo é incapaz de enfrentar.

Temos, também, de procurar novos mercados para os nossos produtos de excepcional qualidade. Esse esforço de captação de novos mercados deve centrar-se no nosso nicho étnico, junto da nossa diáspora, que por gosto e tradição podem absorver,



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

com vantagem, os nossos produtos. Deve, também, procurar-se a formação e a institucionalização de um grande mercado integrado na Macaronésia e na respectiva área de expansão, algo já conceptualizado como “a Grande Vizinhança”, ou seja, toda a Costa Ocidental Africana.

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

E o turismo? Que gigantesco desastre constitui a política de promoção do crescimento do sector turístico nos Açores! Neste sector, os Açores vivem para lá de uma espécie de cortina de ferro que nos separa do resto do mundo civilizado. Uma cortina de ferro que se começa a desenhar a norte da Região Autónoma da Madeira e que se encerra no imenso espaço marítimo que medeia entre o Cabo da Roca e o Ilhéu do Monchique.

Vivemos circunscritos nesta cortina de ferro, porque o Governo socialista implementou e protege o tarifário aéreo mais caro da Europa. Tornando-nos, assim, praticamente inacessíveis ao comum dos mortais. Qual é então a alternativa? É fácil e não está escrito nas estrelas. Trata-se, tão-somente, de baixar o preço das passagens aéreas. Mas baixar a sério, sem truques semânticos congressistas.



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

Nada do que disse nesta declaração política constitui uma verdadeira novidade. O trágico desta governação reside precisamente na constatação da evidência: o Governo socialista não faz as coisas que seria lógico que fizesse.

Não são necessários génios da economia para mudar este estado de coisas. São necessários apenas homens sensatos e inconformados. Que acabem com o desperdício de dinheiros públicos e façam as reformas que estão à frente dos olhos de todos.

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Termino esta declaração política falando da questão autonómica. Alguém chamou a este período de supremacia socialista na política regional, a autonomia cooperativa. Foi um período em que – e isso é inegável - o Governo Regional logrou aumentar o financiamento da economia regional através do exterior. Soube aproveitar as mãos largas do guterrismo e é inegável que também beneficiou da proximidade política com os governos do Eng. José Sócrates. Foi, também, um período de oportunidades perdidas no que diz respeito à possibilidade de se



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

implementar um crescimento espectacular da economia regional.

Tudo isso acabou. O ciclo político nacional está à beira da mudança. Uma mudança estrutural que ditará a derrota do partido socialista e das nossas esquerdas nihilistas, durante um período considerável.

Os novos poderes nacionais e europeus pedirão resultados do esforço de financiamento da economia regional. Exigirão crescimento económico. Exigirão um desmame efectivo dos sectores em que se realiza uma despesa pública pouco rigorosa.

Ora o Governo socialista não lhes pode dar isso, porque o criador nunca se separa da sua criação. E a criação é uma economia estagnada, ultradependente e largamente porosa do ponto de vista orçamental.

Tudo isso poderia ser compensado, do ponto de vista político, através da pulsão da questão autonómica. Também aqui, o Governo socialista tem poucas alternativas. Não tem, reconhecidamente, passado fundador e também não tem aspirações de futuro.

Fala-se na promoção identitária açoriana no nosso sistema escolar, e a resposta do PS é: não gosto, não sei e não quero.



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

Fala-se na criação de selecções desportivas açorianas, e a resposta do PS é: não compreendo e não quero.

Fala-se na criação de uma polícia regional para dar uma resposta efectiva às aspirações de segurança das nossas populações regionais, e a resposta do PS é: não compreendo e não quero.

Fala-se da criação de um espaço político autónomo de afirmação dos Açores no Atlântico, e a resposta do PS é: não vejo, não sei e tenho ciúmes de quem sabe.

Fala-se do reconhecimento da identidade específica dos Açores enquanto Povo, e a resposta do PS é: até concordo, mas não consigo convencer os socialistas de Lisboa.

Em síntese, com o Governo socialista a questão autonómica está sem futuro. Ora, como demonstrei anteriormente, a manutenção da dinâmica do debate autonómico é mais que uma condição intrínseca do nosso ADN autonómico, ela é também imprescindível no âmbito da conjuntura nacional que se aproxima.

Nesse sentido, ou o Governo muda, ou temos de mudar de Governo. O Governo não mudará já que é como a Gabriela: já



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

nasceu assim. Resta, então, mudar de Governo. Que é como quem diz: salvar e resgatar o futuro dos Açores.

Disse

Parlamento dos Açores, 14 de Julho de 2010

O Deputado

Paulo Estêvão